

Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias

Marilda Lopes Gínez de Lara

Resumo

Abordagem da representação via linguagens documentárias (LDs), destacando alguns problemas relativos ao jogo de significações envolvido no processo. Estabelece um paralelo entre palavras isoladas/palavras contextualizadas, com o objetivo de enfatizar as possíveis restrições e implicações interpretativas, relacionando-as à interpretação das unidades que integram as LDs tradicionais. Destaca a importância da discussão da palavra enquanto fonte de sentido, em contextos documentários, incorporando algumas contribuições da semiologia de Saussure e da semiótica de Peirce. Dadas as diferentes abordagens sobre o signo realizadas pelos dois autores, sugere que tais reflexões sejam tomadas como complementares para a discussão das LDs, uma vez que ambas contribuem para a delimitação e definição de um signo documentário referencial e funcional.

Palavras-chave

Linguagens documentárias; Representação documentária; Semiologia; Semiótica.

Uma das condições para que se realize a inserção de informações em bases de dados bibliográficas, de modo a possibilitar sua recuperação, é o uso de linguagens documentárias (LDs). As LDs constituem uma espécie de código de tradução (ou melhor transcodificação) que tem, entre suas funções, a normalização das representações documentárias como meio de viabilizar sua comunicação.

Esse gênero de "tradução", que permite a transformação de informações dos textos em linguagem natural e/ou especializada para uma linguagem documentária controlada, envolve a questão da significação: como representar adequadamente as informações sem comprometer o seu significado? Como resolver o problema da quase ausência de articulação entre os "descritores" para a recuperação de informações veiculadas pelos textos? Torna-se claro, portanto, o fato de que a representação da informação via LDs pode colocar em jogo a significação.

A seu modo, o resultado tradicional das operações de representação mediante o uso de LDs pode ser comparado a um filme antes de ser montado: fotogramas, trechos isolados, seqüências soltas devem ser articuladas na sua edição, para assumir um ou vários significados por meio de associações escolhidas e realizadas pelo diretor. De forma semelhante, a consulta a uma base de dados se faz por equações, devendo-se montar articulações entre os descritores para recuperar informações.

Contrariamente ao produto da edição e montagem de um filme, entretanto, a equa-

ção de busca via descritores de LDs tradicionais não viabiliza mensagens, ou seja, as associações estabelecidas entre descritores (e materializada nas fórmulas de busca) não chegam a engendrar produtos inteligíveis por si mesmos.

Isso acontece porque, geralmente, as LDs são instrumentos que não permitem a recuperação da dinamicidade dos textos: um dos seus objetivos é o de fornecer uma versão extremamente econômica dos textos originais, por intermédio, do destaque das informações consideradas centrais nos documentos. LDs e textos são construções de natureza distinta. Na operação de conversão, perde-se, conseqüentemente, a marca de especificidade do texto original em prol da generalização. Tal generalização, acrescida da ausência de dinamicidade característica das LDs tradicionais, pode, portanto, comprometer o jogo de significações engendrado pelo texto original que se quer representar e, posteriormente, recuperar.

Para tentar visualizar a dimensão do problema, podemos imaginar uma situação em que determinado grupo de pessoas seja exposto a um número x de palavras, devendo atribuir-lhes significado.

Em um primeiro momento, apresentam-se palavras isoladas, desvinculadas de qualquer texto ou situação. As variações de significado que as palavras evocam, nesse caso, estarão baseadas nas possibilidades virtuais de associações, sendo quase certa a não-ocorrência de registros idênticos por parte das pessoas submetidas ao teste.

Em um segundo momento, as palavras apresentadas passam a integrar frases: aumentam, conseqüentemente, as chances de ocorrência de registros semelhantes, mas não necessariamente de significados equivalentes.

Em uma terceira fase, tais palavras são integradas a contextos determinados: cresce consideravelmente a possibilidade de ocorrência de registros semelhantes.

As chances de diferenciação de interpretação das palavras depois dessa fase vão ser dadas pela maior ou menor familiaridade de que cada elemento do grupo tem relativamente ao assunto apresentado.

Vê-se, portanto, que as palavras isoladas não significam nada, ou significam, virtualmente, tudo. É a condição de referência a determinados contextos que lhes confere significado.

Por analogia, pode-se afirmar que as LDs – instrumentos por intermédio dos quais se realiza a operação de conversão – devem possibilitar a condição de referência, para que se estabeleçam as articulações necessárias ao engendramento de significados.

Diversos fatores contribuem para que essa condição se estabeleça:

- 1) a concepção de representação suposta na construção da LD;
- 2) a correspondência entre o sistema de significação do domínio em questão (a terminologia) e a LD;
- 3) os princípios estruturais que embasam a construção da LD;
- 4) a adequação de seu uso por parte dos documentalistas;
- 5) a adequação da LD ao perfil do grupo de usuários em questão.

Deve-se lembrar que, ao utilizar uma LD para representação da informação documental, transferem-se, de certa maneira, as concepções que embasaram essa "grade" às informações do documento-objeto de representação.

Para melhor compreender os problemas que envolvem a representação de informações, em documentação é necessário, portanto, realizar uma discussão sobre a palavra enquanto signo e, conseqüentemente, suas possibilidades de significação.

Com esse objetivo, procuraremos realizar, neste artigo, uma breve investigação sobre as possíveis contribuições da semiologia, da semiótica e da filosofia das formas simbólicas para a elucidação do problema.

SAUSSURE E PEIRCE: A SEMIOLOGIA E A SEMIÓTICA

Tomando palavras, frases e textos como signos, temos, para Saussure, que o ponto de vista cria o objeto. O signo é arbitrário, imotivado, convencional. Desse modo, a relação que se estabelece entre significado e significante é arbitrária, mental. Para Saussure, o que interessa é a função comunicativa, ou o funcionamento dos signos no seio da vida social: o que constituem os signos, que leis os regem.

Já para Peirce, não há sentido em se falar de arbitrariedade. Para ele, interessa saber como existe comunicação sem interlocutores. A preocupação da semiótica é a de estudar a natureza essencial e as variedades fundamentais de toda semiose possível. Segundo Morris, citado por Dascal, entende-se por semiose o "processo no qual qualquer coisa funciona como um signo"².

Para Peirce, existem três ordens de significação, três tipos de significado, que corresponderiam, aproximadamente, a três estágios de pensamento. A compreensão de uma palavra pode consistir: em uma familiaridade com a palavra, no sentido de aplicá-la corretamente no discurso; uma análise abstrata da concepção ou compreensão de suas relações intelectuais com outros conceitos; um conhecimento do possível resultado fenomenal e prático da asserção do conceito. "Uma palavra possui um significado, para nós, na medida em que somos capazes de apreender o conhecimento que outros procuram comunicar-nos"³.

Para Peirce, esse seria o grau mais baixo de significado. "O significado de uma palavra é, de forma mais completa, a soma de todas as predições condicionais pelas quais a pessoa que a utilize pretende tornar-se responsável ou pretende negar. Essa intenção consciente ou quase consciente no uso da palavra é seu segundo grau de significado. Mas, além das conseqüências com as quais conscientemente se compromete a pessoa que aceita uma palavra, há um amplo oceano de conseqüências imprevistas que a aceitação da palavra está destinada a não apenas conseqüências e conhecimento, mas, talvez, revoluções na sociedade. Nunca se pode dizer qual o poder que pode haver numa palavra ou numa frase, para mudar a face do mundo: e a soma destas conseqüências perfaçam o terceiro grau do significado"⁴.

Em uma outra leitura de Peirce a respeito dos signos, encontramos uma referência a Lady Welby: para ela, há três sentidos em que as palavras podem ser interpretadas: sentido, significado e significação, que

corresponderiam, respectivamente, à acepção, intenção e interpretante final⁵. Poderíamos acrescentar, ainda, muitas outras leituras de Peirce sobre o signo, como, por exemplo, rema (sentido), característica da linguagem emotiva. Ao rema corresponderia, no nosso exemplo, o primeiro impacto sobre o indivíduo, exercido pela palavra (o termo); o dicissigno (significado) corresponderia a uma relação de identificação: isto é igual àquilo, envolvendo sempre dois termos (proposição); e o argumento (significação), envolvendo o raciocínio lógico, do domínio intelectual, simbólico, da lei, da generalização e do hábito².

Segundo os níveis de consciência, para Peirce, um signo – e uma palavra – evoca níveis de primaridade (sentir), secundaridade (identificar), terciridade (racionar): em um primeiro momento, o sujeito que se entrega ao objeto para conhecê-lo, percebendo algo; em um segundo momento, dá-se a separação sujeito/objeto, para identificar o processo; em um terceiro momento, dá-se a mediação entre aquilo e algo conhecido².

Para Dascal, existem elementos comuns entre os projetos de Saussure e Peirce: tanto a semiologia como a semiótica se ocupam de fenômenos ou certos objetos funcionando como signos⁶.

A visão semiológica pretende ser global e genérica, não excluindo, *a priori*, fenômenos que englobem necessariamente a presença de signos quaisquer. Para Saussure, o objetivo é apreender em que consistem os signos. Para Peirce, em determinar a natureza essencial e as variedades fundamentais de toda semiose possível⁶.

Para Dascal, as divergências entre Saussure e Peirce se referem à escolha do ponto de partida da análise semiológica, mas ambas objetivam:

- 1) uma definição geral do signo;
- 2) fazer a distinção entre diferentes elementos presentes quando qualquer coisa funciona como signo;
- 3) analisar as relações entre esses elementos;
- 4) oferecer uma classificação e uma tipologia dos signos⁶.

Para Peirce, o processo da semiose compreende:

- um *representâmen* – primeiro termo da relação triádica;
- um objeto – segundo termo da relação;
- um interpretante – terceiro termo da relação.

Morris, seguidor de Peirce, acrescenta um quarto termo, que seria o Intérprete. Mais recentemente, acrescentou-se, a esse conjunto de relações, o contexto⁷.

Para Saussure, o ponto de partida da análise é o "circuito da *parole*", que compreende pelo menos dois indivíduos. Segundo Prieto seguidor de Saussure, no começo há sempre um "ato sêmico" (diferente da semiose), que se desenvolve em um contexto com pelo menos dois indivíduos, mas tudo isso é rapidamente esquecido em função do fato social subjacente a todo fato individual da palavra. Esse fato social fundamental, para Saussure, a distinção entre *langue* e *parole*. É a *langue* o objeto da lingüística, vista como um "sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro", ou, como diz Prieto, "o tesouro depositado pela prática da palavra em sujeitos que pertencem a uma mesma comunidade⁸". O estudo da *parole*, conseqüentemente, não é do âmbito da semiologia.

Segundo Dascal, as diferenças existentes em relação ao ponto de partida da análise referem-se, portanto, a tarefas distintas.

O que interessa para Peirce é analisar o funcionamento do signo no ato individual da semiose, o estudo do lado executivo que Saussure deixa de fora. Nesse sentido, a pragmática é parte essencial da teoria semiótica⁹.

Para a análise documentária (AD), disciplina metodológica na qual se insere a discussão sobre as representações documentárias (e, conseqüentemente, sobre as LDs), as divergências e convergências entre Saussure e Peirce não determinam alterações significativas desde que se tomem tais reflexões como complementares. Para a AD, não é a análise do signo em si que interessa, mas o conjunto de reflexões que permita pensar teórica e operacionalmente a questão da construção e recepção do signo documentário. Dessa forma, a apropriação de elementos das discussões de Saussure e Peirce devem orientar a delimitação e definição de um signo documentário referencial e funcional.

Ao postular a arbitrariedade do signo, Saussure permite que a AD compreenda que as construções documentárias são essencialmente fundamentadas institucionalmente, refletindo as convenções da língua e do paradigma ideológico que sustenta as definições e a organização das LDs.

Deve-se ressaltar que, para Bakhtin, seguidor de Saussure, a palavra é neutra. Ela assume significado conforme sua inserção contextual. "... Uma mesma 'palavra' se revela ser conduzida por várias Vozes"...

representando o "cruzamento de várias culturas", sendo "igualmente uma escritura 'branca' que encapa a todas as 'espessuras' dos mundos..."¹⁰.

Pode-se afirmar, desse modo, que as palavras nas LDs assumem significados dependentes das marcas institucionais a que estão associadas. As LDs refletem, assim, determinados paradigmas que são, por sua vez, transferidos aos produtos sujeitos à sua intermediação.

As reflexões de Saussure e seus seguidores permitem verificar, também, que uma LD é um instrumento por meio do qual se recupera apenas parcialmente o "sistema gramatical virtualmente existente em cada cérebro". Uma LD não é língua (deve-se discutir, inclusive, se é realmente uma linguagem), mas uma construção intermediária. Deve-se pesquisar, portanto, quais são os seus limites, muito embora se deseje que ela funcione proximamente à língua, reproduzindo, ao máximo, as articulações que lhe são características.

Por seu lado, a semiótica de Peirce levanta a necessidade de considerar (e pesquisar) a natureza peculiar da semiose documentária: dada a natureza referencial da atividade documentária, a semiose não pode funcionar aleatoriamente, mas deve estar fundada em determinações, como, por exemplo, em referenciais terminológicos que, por sua vez, remetem a estruturas conceituais de determinados domínios de especialidade. Em um tesouro de determinado domínio de especialidade, a "interpretação" de desertores deve, necessariamente, estar vinculada às significações definidas no âmbito da referida especialidade.

Entretanto, nem sempre isso acontece. Geralmente as representações documentárias, obtidas a partir do uso de LDs tradicionais, impõem uma "camisa-de-força" à semiose, determinando, de forma rígida, os elementos da relação triádica. É o que acontece, por exemplo, quando a equivalência lexical (identificação da palavra com o conceito baseada na semelhança formal entre as palavras) é a base da construção e do uso de tais instrumentos de indexação.

A "semiose documentária" também pode ser disparada de forma desordenada, evocando interpretantes previstos e não previstos relativamente ao mapa conceitual da área ou domínio do saber da LD. Tal é o caso das LDs construídas com base na freqüência dos termos na literatura, na suposição de que a "garantia literária" possa referendar a interpretação conceitual da área.

A inclusão da pragmática na semiótica peirceana – para considerar o "lado execu-

tivo" do funcionamento sêmico – faz caracterizar o funcionamento do signo documentário como necessariamente vinculado a contextos determinados, prevenido, portanto, significados funcionais. Ou seja: o signo documentário é um signo de controle do significado que só pode funcionar como elemento de representação da informação (e possibilitar a "semiose documentária") desde que o contexto no qual se insere seja considerado.

Sobre esse aspecto, reportamo-nos novamente às reflexões de Peirce acerca da interpretação de uma sentença (ou qualquer outro signo): a pessoa que interpreta uma sentença "deve ser determinada pelo seu objeto através de uma observação colateral totalmente independente da ação do signo. Caso contrário, ela não será determinada a pensar nesse objeto"⁴.

Voltando ao nosso jogo com as palavras, proposto inicialmente, podemos afirmar que a veiculação de significados está intimamente ligada a essa experiência colateral (ou a experiência prévia com aquilo que a palavra denota). Se essa experiência ensinou ao seu intérprete o que é determinada coisa, ou o que determinada palavra significa em uma dada sentença, sua interpretação será diferenciada.

Para Peirce, o objeto de uma determinada palavra é o "universo da existência", na medida em que é determinado pelo fato de essa palavra fazer parte desse universo, ser seu membro.

"O signo cria algo na mente do intérprete, algo que, pelo fato de ser assim criado pelo signo, também foi, de modo mediato e relativo, criado pelo objeto do signo, embora o objeto seja essencialmente outro que não o signo"¹¹. E essa criação do signo é chamada de interpretante: "...foi criado pelo signo em sua capacidade de suportar a determinação do objeto"¹¹. A observação colateral fornece, então, "uma prévia familiaridade com aquilo que o signo denota"¹¹.

Para a análise documentária, a experiência colateral pode ser observada em dois momentos distintos: o da elaboração da LD e o de sua utilização por parte do usuário.

Para a construção de LDs, a experiência colateral é, normalmente, insuficiente, uma vez que é voltada particularmente à especialidade da documentação. Ela é essencial para o desenho global de tais instrumentos mediadores em função do conhecimento do âmbito dos acervos objeto de representação, bem como da familiaridade com os hábitos e necessidades do usuário. Entretanto, ela é insuficiente para dar conta da veiculação da significação nos diversos domínios de especialidade.

A construção de LDs, portanto, é tarefa interdisciplinar, devendo reunir experiências de vários domínios.

Para a interpretação das representações documentárias, por outro lado, (incluindo aqui o primeiro usuário, o documentalista), é necessário que a experiência colateral tenha criado condições para a compreensão dos contextos onde elas se inserem, bem como a significação que elas veiculam.

A experiência colateral na interpretação de representações, portanto, é dependente, além da explicitação do contexto, da existência de uma fundamentação no campo conceitual do domínio específico, a ser considerada na construção da LD e a ser interpretada pelo especialista do mesmo domínio.

Essa fundamentação, sob nosso ponto de vista, só pode estar nas terminologias de especialidade, e é por essa razão que elas devem ser integradas à construção de tais instrumentos mediadores. A terminologia funciona, neste contexto, como fonte de significação, uma vez que pode fornecer o "conhecimento colateral" correspondente ao domínio de especialidade. Desse modo,

Some contributions of semiology and semiotics to the analysis of indexing languages

Abstract

A view of representation through indexing languages (ILs) that highlights some problems concerning the play of meanings involved in the process. The paper establishes a correspondence between isolated words and words in context, with the objective of emphasizing possible interpretative restrictions and implications. These are related to the interpretation of the units that make up traditional ILs. The paper also stresses the importance of discussing the "word" as a source of meaning in indexing situations, incorporating some contributions of Saussure's semiology and of Peirce's semiotics. Given that these two authors have different views about the sign, the paper suggests that their reflections be taken as complementary to the discussion of ILs, since they both contribute to the delimitation and definition of a referential and functional documentary sign.

Keywords

Indexing languages; Indexing representation; Semiology; Semiotics.

a terminologia fornece elementos para a interpretação consistente das representações documentárias. "Signo algum pode ser entendido... a menos que o intérprete tenha um 'conhecimento colateral' de cada um de seus objetos"¹².

COMENTÁRIO FINAL

As representações documentárias são elementos-chave de comunicação mediática em sistemas documentários. Se nossos catálogos e/ou índices forem apenas listas de palavras isoladas, dificilmente essa mediação se fará de forma consistente.

É necessário, portanto, investir na análise sobre a natureza e as características desse "signo" particular, bem como determinar as especificidades da "semiose documentária". Não há como realizar essa tarefa sem recorrer aos referenciais semiológicos e semióticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DASCAL, M. Les sémiologie contemporaines. In: - La Sémiologie de Leibniz. Paris, Aubier Montaigne, 1978, p. 17-59.
2. _____. *Op. cit.*, p. 17.
3. PEIRCE, C.S. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1977, p. 159-160.
4. _____. *Op. cit.*, p. 160.
5. _____. *Op. cit.*, p. 164.
6. DASCAL, M. *Op. cit.*, p. 18.
7. _____. *Op. cit.*, p. 20.
8. _____. *Op. cit.*, p. 21.
9. _____. *Op. cit.*, p. 22.
10. DUCROT, O. & TODOROV, T. (1988). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo, Perspectiva.
11. PEIRCE, C.S. *Op. cit.*, p. 161.
12. _____. *Op. cit.*, p. 163.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO NETTO, J.T. *Semiótica, informação e comunicação*. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1990.
- ECO, U. *Conceito de texto*. Trad. de Carla de Queiroz. São Paulo, TA Queiroz; EDUSP, 1984.
- ECO, U. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. de Atílio Cancian. São Paulo, Perspectiva, 1986. (Estudos, 89)
- ECO, U. *Semiótica e filosofia da linguagem*. Trad. de Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo, Ática, 1991 (Fundamentos, 64)
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. *Estructura lingüística de la documentación: teoría y método*. Universidad de Murcia, 1990.

GARDIN, J.-C. Document analysis and linguistic theory. *The Journal of Documentation*, v. 29, n.2, June, 1973, p. 137-168.

GARDIN, J.-C. Linguistique et documentation. *Bollettino d'Informazioni*, v. 13. n.2/3, 1973, p. 67-85.

IBICT. *Diretrizes para elaboração de tesouros monolíngües*; projeto coord. por Hagar Espanha Gomes. Brasília, 1984.

ISO 704. *Principles and methods of terminology*. Genève, 1987.

LARA, M.L.G. de. *Representação documentária: em jogo a significação*. São Paulo, ECA-USP, 1993. (Dissertação de Mestrado).

LEGUERN, M. Sur les relations entre terminologie et lexique. *Meta*, v.34, n.3, 1989, p. 340-343.

SMIT, J.W., org. *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília, IBICT, 1987.

TÁLAMO et alii. Contribuição da terminologia para a elaboração de tesouros. C. *Informação*, v. 21, n.3, 1992, p. 197-200.

TÁLAMO, M.F.G.M. *Terminologia, linguagens documentárias e representação do conhecimento*. Trab. apresentado ao Congresso Nacional de Informação - SUCESU, 23-27 set. 1991.

UNISIST. Princípios de indexação. *R. Esc. Bibliotec. UFMG, Belo Horizonte*, v. 10, n. 1, mar. 1978, p. 83-94.

Artigo aceito para publicação em 26 de novembro de 1993.

Marilda Lopes Gínez de Lara

Professora do Departamento de Biblioteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo.